

# A Única Mulher



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

MARIE BENEDICT

# A Única Mulher

Ela era linda, um ícone do cinema.  
E uma cientista absolutamente genial.

**O MUNDO NÃO ESTAVA PREPARADO  
PARA HEDY LAMARR**

Tradução  
Isadora Prospero

2ª edição

 Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

Copyright © Marie Benedict, 2019  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *The Only Woman in the Room*

*Preparação:* Thais Rimkus  
*Revisão:* Fernanda Cosenza, Juliana de A. Rodrigues  
e Andréa Bruno  
*Diagramação e projeto gráfico:* Marcela Badolatto  
*Capa:* Helena Hennemann / Foresti Design  
*Fotografia de capa:* Donaldson Collection / Getty Images

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Benedict, Marie

A única mulher / Marie Benedict - 2.ed. - São Paulo: Planeta, 2020.  
320 p.

ISBN 978-65-5535-068-5

Título original: *The Only Woman in the Room*

1. Ficção norte-americana 2. Guerra mundial, 1939-1945 - Ficção 3.  
Júdiás - Ficção I. Título

20-2007

CDD 813.6

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção norte-americana

2020

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Planeta do Brasil Ltda.  
Rua Bela Cintra, 986 - 4º andar - Consolação  
01415-002 - São Paulo-SP  
[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)  
[faleconosco@editoraplaneta.com.br](mailto:faleconosco@editoraplaneta.com.br)

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

PARTE I



Planeta

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

# CAPÍTULO 1

*17 de maio de 1933*  
VIENA, ÁUSTRIA

Minhas pálpebras tremularam e se abriram, então os holofotes me cegaram por um momento. Apoiando a mão discretamente no braço do meu colega de cena para me firmar, tentei sorrir de modo confiante enquanto minha visão se ajustava. Os aplausos eram estrondosos, e eu balançava na cacofonia de som e luz. A máscara firmemente ostentada durante a performance deslizou por um momento, e deixei de ser Elizabeth, imperatriz da Bavária no século XIX, para voltar a ser simplesmente a jovem Hedy Kiesler.

Eu não podia permitir que os espectadores do famoso Theater an der Wien me vissem vacilar na atuação da amada imperatriz da cidade, nem mesmo durante os agradecimentos. Ela fora o emblema da gloriosa Áustria dos Habsburgo, um império que perdurara por quase quatrocentos anos, e as pessoas tinham se agarrado a sua imagem naqueles dias humilhantes depois da Grande Guerra.

Fechando os olhos por um segundo, mergulhei profundamente em mim mesma, deixando de lado Hedy Kiesler, com suas preocupações pequenas e suas aspirações comparativamente mesquinhas. Convoquei minhas forças e assumi o manto da imperatriz outra vez, com a necessária deter-

minação e o fardo de suas responsabilidades. Então, abri os olhos e encarei meus súditos.

A plateia se materializou diante de mim. Percebi que eles não estavam aplaudindo do conforto de seus assentos acolchoados de veludo vermelho. Tinham se erguido para uma ovação, uma honra que meus concidadãos vienenses ofereciam com parcimônia. Como imperatriz, aquilo me era devido, mas, como Hedy, perguntei-me se aqueles aplausos eram realmente para mim ou para outro ator de *Sissy*. Hans Jaray, que interpretava o imperador Franz Josef, era, afinal de contas, uma figura lendária do Theater an der Wien. Esperei meus colegas receberem os aplausos. Embora ovacionassem entusiasticamente os demais atores, os espectadores ficaram enlouquecidos quando tomei o centro do palco para fazer minha reverência. Aquele era, de fato, *meu* momento.

Como eu gostaria que papai tivesse visto minha performance. Se mamãe não tivesse fingido estar doente, em um plano óbvio para desviar a atenção de minha noite importante, ele teria me visto estreiar no Theater an der Wien. Sei que teria apreciado a reação do público, e o testemunho de toda aquela adulação poderia ter lavado a mancha de minha performance obscena no filme *Êxtase* – um papel que eu desesperadamente desejava esquecer.

O som dos aplausos começou a cessar, e uma nota de desconforto caiu sobre a plateia quando uma procissão de lanterninhas desfilou pelo corredor central com os braços carregados de flores. Aquele gesto grandioso, em um momento público e inapropriado, perturbou os reservados vienenses. Eu quase podia ouvi-los se perguntar quem teria ousado interromper a noite de estreia no Theater an der Wien com tal demonstração audaz. Só o exagero de um pai

ou uma mãe justificaria o ato, mas eu sabia que meus cautelosos pais jamais ousariam tanto. Será que a família de um de meus colegas tinha cometido essa gafe?

À medida que os lanterninhas se aproximavam do palco, vi que seus braços transbordavam não de flores comuns, mas de primorosas rosas de estufa. Talvez uma dúzia de buquês. Quanto teria custado aquela abundância de raras flores vermelhas? Tentei imaginar quem poderia ostentar daquela maneira em uma época como a nossa.

Os lanterninhas subiram os degraus, e entendi que tinham sido instruídos a entregar os buquês a seu destinatário em frente ao público. Incerta sobre como lidar com a quebra de decoro, olhei para os outros atores, que pareciam igualmente perplexos. O diretor gesticulou para que interrompessem aquele espetáculo, mas eles deviam ter sido bem pagos, porque o ignoraram e fizeram uma fila diante de *mim*.

Um a um, entregaram-me os buquês, até que meus braços não conseguiam mais segurar todos, então começaram a deixá-los a meus pés. Subindo e descendo por minha coluna, senti os olhares desaprovadores de meus colegas de elenco. Minha carreira nos palcos dependia dos caprichos daqueles atores veneráveis; eles podiam me destronar com algumas palavras bem colocadas e me substituir por qualquer uma das diversas jovens atrizes que adorariam interpretar aquele papel. Fiquei tentada a recusar os buquês, mas um pensamento me impediu.

O remetente podia ser qualquer um. Podia ser uma figura proeminente de um dos partidos que disputavam o governo – um membro do Partido Social-Cristão ou um socialista do Partido Social-Democrata. Ou, pior, meu benfeitor podia simpatizar com o Partido Nacional-Socialista e desejar a

unificação da Áustria com a Alemanha e seu novo chanceler, Adolf Hitler. O pêndulo do poder parecia oscilar a cada dia, e ninguém podia se dar ao luxo de correr riscos. Especialmente eu.

O público tinha parado de aplaudir. No silêncio desconfortável, as pessoas se acomodaram de volta nos assentos. Todas, exceto um homem. Ali, no centro da terceira fileira, no assento mais cobiçado do teatro, havia um homem de peito largo e maxilar anguloso. Sozinho entre os espectadores do Theater an der Wien, permaneceu em pé.

Olhando para mim.



# Planeta



## CAPÍTULO 2

17 de maio de 1933

VIENA, ÁUSTRIA

A cortina desceu. Em resposta aos olhares inquisidores de meus colegas, eu dei de ombros e balancei a cabeça, esperando transmitir confusão e desaprovação em relação àquele gesto. Assim que pareceu apropriado no meio das felicitações, voltei ao camarim e fechei a porta. Fui tomada por raiva e preocupação quando pensei em como aquelas flores desviaram a atenção de meu triunfo, daquele papel que me ajudaria a deixar *Êxtase* definitivamente para trás. Eu precisava descobrir quem tinha feito aquilo comigo – e se o tinha feito como elogio, ainda que equivocado, ou outra coisa.

Tirei o envelope escondido entre as flores do maior buquê e, com minha tesourinha de unha, o abri. O cartão era pesado, em papel creme com a borda dourada. Erguendo-o perto da lâmpada na penteadeira, li:

A uma Sissy inesquecível. Afetuosamente,  
sr. Friedrich Mandl.

Quem era Friedrich Mandl? O nome parecia familiar, mas eu não lembrava ao certo.

A porta do camarim estremeceu com uma batida autoritária.

– Srta. Kiesler? – Era a sra. Else Lubbig, figurinista veterana das estrelas de toda produção do Theater an der Wien nos últimos vinte anos.

Mesmo durante a Grande Guerra e os anos desesperançados após a derrota austríaca, a matrona de cabelos grisalhos auxiliara os atores a subir no palco para performances que elevavam o ânimo dos vienenses – como a imperatriz Elizabeth, que lembrava as pessoas das façanhas passadas da Áustria e as incitava a imaginar um futuro promissor. A peça, é claro, não abordava os últimos anos da imperatriz, quando as correntes douradas do desprazer do imperador se tornaram um jugo ao redor de seu pescoço, restringindo seus movimentos. O povo vienense não queria pensar sobre isso; era especialista em negar os fatos.

– Entre, por favor – eu chamei.

Sem dar um olhar sequer para a profusão de rosas, a sra. Lubbig começou a me desatar do vestido amarelo-sol. Enquanto eu esfregava creme no rosto para tirar a maquiagem forte e os últimos vestígios da personagem, ela soltou meu cabelo do coque que o diretor considerara adequado à imperatriz Elizabeth. Embora a sra. Lubbig estivesse quieta, senti que estava apenas esperando um pouco antes de fazer a pergunta que sem dúvida fervilhava pelo teatro.

– Belas flores, senhorita – comentou, finalmente, depois de ter elogiado minha atuação.

– Sim – respondi, esperando a questão verdadeira.

– Posso perguntar de quem as ganhou? – sondou, depois de terminar meu cabelo e se voltar para o espantalho.

Hesitei em responder. Podia mentir e atribuir a gafe das flores a meus pais, mas aquela fofoca era moeda com a qual ela podia negociar e, se eu compartilhasse a verdade, a mu-

lher talvez me devesse um favor. E um favor da sra. Lubbig podia ser bastante útil.

Eu sorri, entregando-lhe o cartão.

— Um sr. Friedrich Mandl.

Ela não disse nada, mas ouvi uma inspiração brusca e significativa.

— Já ouviu falar dele? — perguntei.

— Sim, senhorita.

— Ele estava no teatro hoje? — Eu sabia que a sra. Lubbig assistia a todas as performances das coxias, sempre de olho na atriz designada a ela para ajudar rapidamente caso uma bainha se rasgasse ou uma peruca se deslocasse.

— Sim.

— Era o homem de pé depois do aplauso final?

Ela suspirou.

— Sim, senhorita.

— E o que a senhora sabe sobre ele?

— É melhor não dizer, senhorita. Não cabe a mim comentar.

Escondi meu sorriso com a falsa modéstia da sra. Lubbig. Sob certos aspectos, com sua coleção de segredos, ela tinha mais poder que qualquer outra pessoa naquele teatro.

— A senhora me faria um grande favor.

Ela parou, dando um tapinha em seu cabelo imaculadamente preso no alto, como se considerasse minha súplica.

— Só ouvi fofocas e boatos. Nem todos lisonjeiros.

— Por favor, sra. Lubbig.

Eu a observei pelo espelho. Seu rosto de traços finos parecia examinar o dossiê cuidadosamente arquivado em sua mente para escolher a informação mais apropriada.

— Bem, o sr. Mandl tem uma reputação e tanto com as mulheres.

– Assim como todos os homens em Viena – retruquei, rindo. Se era só isso, eu não precisava me preocupar. Com homens, eu sabia lidar. Com a maioria deles, pelo menos.

– É mais que a libertinagem de costume, senhorita. Um romance com ele levou uma jovem atriz alemã, Eva May, ao suicídio.

– Minha nossa – sussurrei, embora, dado meu próprio histórico de corações partidos, incluindo uma tentativa de suicídio de um pretendente rejeitado, eu não estivesse em posição de julgar.

Ainda que fosse terrível, aquela informação não era tudo o que ela sabia. Pressenti pelo tom que ainda me escondia alguma coisa, que havia mais a relatar. No entanto, a sra. Lubbig ia me cobrar mais por isso.

– Se há algo mais, ficarei em dívida com a senhora.

Ela hesitou.

– É o tipo de informação a ser compartilhada com cautela nos dias de hoje, senhorita. – Naqueles tempos incertos, conhecimento era moeda de troca.

Então, peguei a mão dela e a encarei.

– Essa informação é apenas para mim, para minha segurança. Prometo que não será compartilhada com mais ninguém.

Depois de uma longa pausa, ela disse:

– O sr. Mandl é o dono da Hirtenberger Patronenfabrik, que produz munições e outros armamentos militares.

– Um serviço desagradável, certamente. Mas alguém precisa fazê-lo – eu disse. Eu não via por que tomar o dono pela indústria.

– Não é tanto pelos armamentos que produz, mas para quem os vende.

– Ahm...

– Sim, senhorita. Eles o chamam de Mercador da Morte.